



ESCOLAS CENTRAES DO DISTRICTO DE LONDRES,

VOL. I. — 4.ª SERIE.

JUNHO, 13, 1857.

C. M. L.
 GABINETE
 DE ESTUDOS
 OLISIPONENSES

Em 11 de Setembro do anno passado lançaram-se, junto de Hanwell, condado ou provincia de Middlesex, os fundamentos para a extensa linha de edificios que se estão construindo, cujo prospecto a nossa estampa representa como deve ficar depois de acabado.

Em 1849 creou-se por lei com seus estatutos a instituição das novas escolas do districto central de Londres, o qual comprehende a denominada *city of London union*, a *London union* oriental e occidental, S. Salvador, e a parochia de S. Martinho dos campos. A cerimonia da collocação da primeira pedra fez-se com toda a solemnidade em presença da commissão directora, creada na referida epoca, assistindo a este brilhante acto numerosa concorrencia de senhoras, e tambem conduzidos debaixo de formatura a testemunhar o mesmo os discipulos da escola de Harrow. Concluida a cerimonia, e depois de um eloquente discurso de mr. Whiteside, o capellão das aulas recitou as orações apropriadas ao objecto, e em seguida cantou toda a assemblea o psalmo 100, achando-se para mais de trezentas pessoas. Terminou a função com um banquete sumptuoso, dado á direcção e seus amigos por mr. Holt, de Radley-Hotel e só á sua custa. As aulas estão agora em Westow-hill, Norwood; o seu destino é receber as creanças da população pobre do districto, que ahí são mantidas e ensinadas, e depois se lhes manda aprender officios, havendo além d'isso uma fazenda, onde rapazes e raparigas aprendem respectivamente os trabalhos da lavoura e os misteres caseiros.

M.

BYRON!

Continuação.

III

O terceiro canto do *Childe-Harold* parece começado no momento de lord Byron emprehender esta nova viagem. Os primeiros versos que ahí se encontram são dirigidos á sua unica filha, á querida do seu coração, Aza. O poeta menciona em uma nota que este nome era o de uma das suas ascendentes, e tambem da irmã de Carlos Magno. Depois d'esta como invocação, aos olhos azues da gentil menina, passa a descrever uma d'essas scenas de mar, que ninguem pintou melhor do que Byron, e mostra o despego com que vê fugirem do navio que o conduz as costas de Inglaterra. N'este terceiro canto, e no quarto e ultimo do poema, vae o poeta narrando a sua peregrinação, tornando-se ao mesmo tempo o heroe e o cantor das proprias aventuras.

Antes de admirar as bellezas do Rheno, descansa por um momento em Waterloo «o tumulo da França!»

«Para! diz o poeta: são as cinzas de um imperio que estás pisando!»

E mostra sympathisar mais com o curso vencido do que com o bretão vencedor.

As margens escarpadas do grande rio, as bellezas naturaes do lago de Genebra, a corrente impetuosa do Rhone, foram successivamente impressionando o espirito de Byron, e alliviando-lhe mesmo o coração.

Foi na Suissa que elle compoz a sublime tragedia de *Manfredo*. Em uma carta a Murray diz o proprio autor que este poema dramatico é de um genero selvagem, metafisico e inexplicavel! Os interlocutores do terrivel drama são espiritos do ar, da terra e das aguas, um magico, uma fada, um abbade e caçadores; a scena passa-se nos Alpes.

Quasi do mesmo genero é *A metamorphose do corcunda*, outro poema dialogado do nosso autor, e fundado sobre a tragedia *Fausto* do immortal Goethe.

Depois de visitar os Alpes, Byron passou á Italia, em companhia do seu fiel amigo Hobhouse; parou em Milão, viu o tumulo de Julieta em Verona, e foi descansar para Veneza, a rainha do Adriatico.

«Estava em Veneza, sobre a ponte dos Suspiros, entre um palacio e uma prisão; via a cidade, saindo do meio das vagas, como se fosse tocada repentinamente pela varinha de um feiticeiro. Dez seculos estendiam suas sombrias azas em volta de mim, e uma gloria expirante sorria para esses tempos remotos, em que muitos paizes subjugados admiravam o monumento de marmore do leão alado de Veneza, que tinha assentado o seu throno no meio d'estas cem ilhas.» (*)

A cidade dos doges enthusiasinou o poeta inglez. Alojando-se a principio em casa de um mercador, apaixonou-se pela esposa d'este, a gentil Marianna, joven de vinte e dois annos. E não foi tão ephemero este novo amor de lord Byron, como os anteriores; nem o passeio que fez a Roma na primavera de 1817 lhe pôde fazer olvidar a formosa veneziana; o coração obrigou-o em breve a regressar para junto d'ella. Esta mulher lhe inspirou o quarto canto do *Childe-Harold*, que foi escripto em Veneza, na volta da sua excursão á capital da christandade.

A Italia tinha attractivos poderosos para seduzir o grande poeta. Ferrara, com as suas recordações do Tasso e do Ariosto; Florença, com as suas lembranças do Dante e de Petrarca; Roma com as suas mil reminiscencias poeticas, não podiam deixar de impressionar vivamente o espirito de Byron; e mereceram-lhe, com effeito, alguns dos seus mais sublimes versos.

Voltemos porém a Veneza, logar de delicias para o mysterioso bardo.

Por muito que o rosto oriental de Marianna houvesse seduzido o voluvel poeta, não pôde elle esquivar-se ao seu destino, que o fadara para a versatilidade no amor; deixou pois a casa da gentil mercadora, e alugou um palacio na margem

(*) *Childe-Harold*: Canto IV. Estancia 1.

do grande canal, onde, segundo Moore, passava um genero de vida só proprio a quebrar-lhe as forças physicas, e entorpecer-lhe as faculdades moraes. Na segunda parte enganou-se.

Não tardou muito que Byron não contrahisse novas relações amorosas n'esta cidade d'encanto; elle mesmo contou este episodio da sua vida, que vamos resumir em poucas palavras, como a estreiteza d'estas columnas exige.

Margarida Cogni era pobre, muito formosa, contando vinte e dois annos de idade, e casada com um tisico. Fugiu ao marido para se instalar no palacio de Byron; amava ternamente o poeta, mas tinha um genio tão desigual, ora tocando na ferocidade, ora no sentimentalismo, que fazia d'aquella casa um verdadeiro inferno. Ciumenta, como uma veneziana, arrancou o veo á signora *** e insultou-a na rua, logo que soube das suas relações amorosas com lord Byron; arrancou a mascara a madame Contarini no baile da opera, por que a viu pelo braço do seu amante; finalmente batia em todas as mulheres de quem desconfiava que quizessem seduzir o seu signor, interceptava as cartas que vinham para elle, apesar de não saber ler, suppondo sempre que fossem de namoradas, e quando se enraivecia quebrava tudo que encontrava á mão. Byron, enfasiado, resolveu-se emfim a mandal-a para casa de sua mãe, porém Margarida ameaçou-o com uma faca; agarrada pelos criados do lord, escapou-lhes e lançou-se ás aguas do canal; salva da morte, custou ainda a resignar-se, mas ao cabo de grandes esforços, terminou por deixar em paz a sua victima.

Foi no meio d'esta singular vida que lord Byron começou o seu *Don Juan*, talvez o mais brilhante florão da corôa do immortal poeta. Nos primeiros cantos d'este poema respira-se, como no *Childe-Harold*, o ar embalsamado da Peninsula; depois, ainda como n'aquelle romance, gosa-se o perfume das plagas orientaes; finalmente chega-se com o heroe á patria do autor do livro. Ahi parou a obra, no decimo-sexto canto, quando Byron, talvez por brincadeira, dizia que tencionava levar este poema até cento e cincoenta cantos!

No manuscripto do primeiro canto acha-se uma nota, em que o autor declara não se poder ter nas pernas na occasião de escrever aquelles sublimes versos, embriagado com vinho do Rheno, que todavia elle misturava com soda!

Apesar, porém, da vida desregrada que levava, não deixou de apaixonar-se, mais uma vez, e de ser correspondido. Esta nova musa do famoso poeta, foi a condessa Guiccioli, joven esposa de um velho nobre de Veneza.

Em Abril de 1819 partiu ella com seu marido para Ravena, e Byron não deixou de seguil-a. Logo em Agosto teve de dirigir-se a Bolonha, e o seu amante acompanhou-a. Como porém adoecesse ali, e lhe aconselhassem os ares de Veneza, voltou a esta cidade em companhia de lord Byron, a quem o marido a confiou, por não poder deixar Bolonha n'essa occasião. Já se vê que

o conde italiano e o fidalgo inglez viviam na melhor harmonia! Porém não durou muito a paz, porque as circunstancias de Byron não lhe permitiram satisfazer a uma exigencia do nobre veneziano, um emprestimo de mil libras esterlinas. Então o velho fallou da sua honra... e a falta de oiro operou a separação dos dois amantes!

Os conjuges partiram de novo para Ravena, porém a condessa adoeceu gravemente; e tendo-se conhecido que o seu mal era a saudade do amante, foi este chamado para a acompanhar, por conselho dos medicos e dos parentes da condessa, e com autorisação do marido.

Byron residiu por muito tempo em Ravena, e tinha grande predilecção por esta cidade pouco ruidosa, e pelas sombrias florestas que a cercam. Ahi compoz elle as suas tragedias historicas *Marino Faliero*, *Sardanapalo*, e *Os dois Foscari*, o mysterio *Caim*, um poema em quatro cantos *A prophacia do Dante*, que ficou incompleto como muitas outras das suas obras, o terceiro e quarto cantos do *Dom João*, e traduziu *Pulci*. Tanto as tragedias como o mysterio são pouco proprios para apparecerem na scena, pelo seu diminuto movimento dramatico, porém excellentes para serem lidos, porque encerram bellezas poeticas de toda a ordem. O poemeto *A prophacia do Dante*, inspirado pela vista do tumulo do grande poeta, em Ravena, como outro poema seu, *As lamentações do Tasso*, havia sido inspirado pela vista da prisão d'est'outro poeta em Ferrara, é igualmente digno do heroe e do autor; faz-nos lembrar os versos de Garrett cantando o nosso Camões.

Tendo-se separado de seu marido, em 1820, a condessa Guiccioli recolheu-se á habitação paterna, situada a quinze milhas de Ravena, aonde só uma ou duas vezes por mez recebia a visita de lord Byron. O poeta entregue pois á solidão e á melancolia o resto do tempo, teria morrido de tristeza, se a agitação da Italia não viera despertar-lhe os brios de homem livre e entusiasta pelos descendentes dos antigos romanos. O seu palacio tornou-se um foco de conspiração pela causa da liberdade italiana, e o refugio dos conspiradores da Romania.

É notavel uma carta escripta por lord Byron ao governo napolitano, offerecendo os seus serviços á causa da Italia; infelizmente, porém, nem este auxilio, nem os esforços dos patriotas, alcançaram o triumpho da liberdade italiana. Quando o exilio foi a recompensa do nobre proceder d'estes homens livres, os pobres de Ravena dirigiram uma petição ao cardeal legado, supplicando-lhe que deixasse residir ali o seu protector, lord Byron.

E é o nome de um homem d'estes, que gente covarde e infame tem querido denegrir... despresiveis invejosos!

Byron disse um dia: «Os que me perseguem constantemente, triumpharão emfim; e não se me fará justiça, sem que esta mão esteja tão fria como os seus corações.»

Entre o numero dos patriotas exilados conta-se o conde Gamba e seu filho, pae e irmão da condessa Guiccioli, que se retiraram para Pisa; e ahí os foi encontrar lord Byron, em Outubro de 1821.

N'esta cidade cõllaborou o nosso poeta na redacção de um jornal, *O Liberal*, com Mrs. Hunt e Shelley, e nas suas columnas appareceram pela primeira vez o poema *A visão do juizo final*, e o mysterio *O ceo e a terra*, de lord Byron.

De Pisa passou o poeta para Genova; porém o ecco das batalhas que se pelejavam no oriente, pela liberdade da Grecia, veio acordar de novo o enthusiasmo de Byron, e este amigo da humanidade decidiu trocar a Italia escravizada por aquelle formoso paiz onde se combatia para ser livre.

Entrou immediatamente em correspondencia com o comité grego, e declarou-se campeão d'aquella justa causa, muito a contento dos seus compatriotas, que só então descobriram no poeta calumniado um nobre caracter. Em Julho de 1823 deixou effectivamente a Italia, em companhia do irmão da condessa; e a pobre senhora ficou só!

Byron dirigiu-se a uma das ilhas Jonias, para tomar informações sobre o estado da guerra antes de desembarcar no continente; e partindo de Cephalonia, chegou á vista da costa da Moréa em fins de Dezembro. Apesar dos ventos contrarios, e da esquadra turca que bloqueava Missolonghi, entrou n'esta cidade, entre as vivas aclamações do povo, enthusiasmado pelo seu nobre alliado.

Este derradeiro periodo da vida do generoso poeta, e mais algumas noticias acerca das suas preciosas obras, completarão o esboço que nos propozemos delinear, e serão o assumpto do quarto e ultimo capitulo d'este humilde estudo.

Continua.

F. M. BORDALO.

FUNCHAL.

Conclusão. (*)

«É extrema a sobriedade e frugalidade dos camponeses. Nutrem-se de pão, batatas, cebolas, varias raizes, e são pouco carnivoros. Teem um tedio tão pronunciado pelas tripas dos animaes, que passa entre elles como proverbio dizer-se de um homem pobre: *está reduzido a comer tripas*. A bebida ordinaria é agua, e *agua pé* preparada com o bagaço da uva, depois de no lagar ter servido ao vinho. Esta agua adquire pela fermentação um gosto picante, que conserva por pouco tempo. Pouco vinho bebem elles do que preparam pelas suas mãos, e faz tão famosa e conhecida esta ilha.

«A cultura da vinha é sua principal occupação; porém, pedindo esta industria cuidados não

muito assiduos, passam a maior parte do anno na ociosidade. Como o calor do clima obsta a conservarem-se por muito tempo as provisões, e é facil satisfazer ás necessidades do appetite, a indolencia é maior, e infelizmente as leis não procuram excitar o espirito de industria. Parece que o governo portuguez não adopta as necessarias providencias contra esta perigosa lethargia do estado. Ultimamente ordenou a plantação de oliveiras nos terrenos mais seccos e estereis para vinha, porém não se lembrou de coadjuvar os cultivadores, nem de offerecer-lhes recompensas para os estimular a vencerem a natural repugnancia ás innovações e aversão ao trabalho.

«Os lavradores não recolhem para si mais de quatro decimos do producto: pagam quatro em especie ao proprietario do solo, um ao rei, e outro ao clero. Trabalhando assim para os outros é tão pequeno o beneficio que gosam, que poucos melhoramentos applicam á cultura. Apesar da sua oppressão parecem comtudo contentes e felizes. Em quanto trabalham cantam, como dulcificando as suas rudes penas, e á noite reúnem-se e dançam ao som d'uma guitarra.

«Os habitantes da cidade são ainda mais infelizes, e a prova está, além d'outras, na magreza e pallidez do rosto. Os homens vestem á franchezza, ordinariamente de preto, o que lhes não assenta mui bem; as feições das mulheres expressam delicadeza e agrado, porém o ciume dos homens tem este sexo como encerrado, privando-o assim da felicidade que gosam as camponesas, ainda na sua miseria. Teem grandes pretensões á nobreza, e lisonjeiam seu orgulho n'alguns velhos titulos; são insociaveis e ignorantes, e tem uma ridicula affectação de gravidade. A terra pertence quasi toda a um pequeno numero de familias antigas, que vivem no Funchal, e nas differentes cidades da Madeira.

«A ilha é composta d'uma grande montanha; os flancos erguem-se, por todas as partes do mar, reunindo-se no cume e no centro. Diz-se que no meio ha uma cavidade natural, a que os insulares chamam o *valle*, sempre coberta de herva mui delicada e tenra. Toda a pedra parece queimada, é cheia de buracos, e de cor escura, sendo a lava a sua parte principal. O solo é misturado com greda, cal e areia. Estas circumstancias, e a elevação do cume da montanha, me fazem crer que em tempos antigos um volcão produziu a lava, e que o valle de hoje era a cratera.

«Muitos mananciaes d'agua e riachos descem das partes altas para os valles e quebradas que cortam a ilha. Não encontrámos na ilha as planicies de que alguns viajantes fallam, e se as houvesse a corrente da agua naturalmente se dirigiria para ahí. Os leitos das ribeiras estão cobertos de pedras de differentes grossuras, que foram arrastadas pela violencia das chuvas de inverno ou degelo da neve. Ha canaes que conduzem estas aguas por entre as vinhas, e todos os proprietarios, por um tempo limitado, teem o

(*) Do num. 22.

usufructo d'estas aguas; alguns podem servir-se d'ellas todo o anno; outros tres, duas e uma vez por semana. A rega é absolutamente necessaria ás vinhas por causa do calor do clima, e a plantação de uma vinha nova custa muito. O proprietario pode comprar a agua, que é mui cara, áquelles que teem o usufructo d'ella.

«Onde querque nas collinas ha um terreno compacto, os insulares logo ahi fazem uma plantação do *aurum esculentum*, de Linn. Cercam a plantação com um fosso, para conservar a agua estagnada; porque effectivamente esta planta se dá melhor nos terrenos pantanosos. As folhas alimentam o gado suino, e os homens comem as raizes.

«Plantam igualmente batatas doces (*convolutus batatas*) de que ha grande consumo, e tambem de castanhas, que crescem nos bosques mais elevados da ilha onde não ha vinhedo. Semeiam trigo e cevada nas vinhas velhas, ou por entre o bacello; porém o producto d'estas searas não dá para mais de tres mezes, e os habitantes vêem-se forçados a recorrer a outros climas, especialmente á America, com a qual permutam o seu vinho por cereaes. Se a producção é tão pequena, deve attribuir-se á falta do marne, e inactividade dos habitantes; suppondo porém mesmo que a agricultura ali chegasse á sua maxima perfeição, julgo que as colheitas nunca dariam para o consumo. Debulham o trigo n'um campo, muito calcado e varrido (a que se chama eira); estendem os feixes, e os bois arrastam um quadro guarnecido de pontas agudas. O conductor colloca-se em cima do quadro para lhe augmentar o peso, e assim fica cortada a palha, e separado o trigo do involucro da espiga.

«Onde o solo, a exposição, e o ar o permitem, ha uma vinha, aberta em ruas separadas por valados de pedra, de dois pés de altura. A vinha está em parreiras, que terão quasi sete pés d'alto, e estão sustidas por estacas de madeira, ou pilares em distancias regulares. Assim a uva fica levantada, e os cultivadores podem arrancar facilmente as ruins hervas que nascem de permeio. No tempo das vindimas trepam os trabalhadores ás parreiras, e cortam os cachos, e alguns d'elles vi que pesavam seis libras. Este methodo de conservar sempre o terreno fresco e humido, e fazer amadurecer a uva á sombra, contribue para dar ao vinho da Madeira esse excellente sabor e corpo que o faz tão celebre. É preciso destinar terrenos á cultura da canna necessaria para as latadas e parreiras, e diz-se que ás vezes por falta d'ellas se abandonam certas vinhas.

«Não sendo todos os vinhos de igual bondade, tem por isso diversos preços. O melhor é o que se extrahê de uma planta que o infante de Portugal fez transportar de Candia, e que se chama *malvasia da Madeira*. Uma pipa, comprada na ilha, custa 40 ou 42 libras esterlinas. D'este fabrica-se pouco. Ha outro vinho secco que se exporta para os mercados de Londres, a 30 e 31 libras

esterlinas a pipa. As qualidades inferiores, que se exportam para as Indias orientaes, ilhas da America, e America septentrional, vendem-se a 28, 25 e 20 libras esterlinas. Anno commum fabricam-se 30 mil pipas, de 110 gallões cada uma. Exportam-se 13000 da melhor especie; e o resto consome-se na ilha, e distilla-se em aguardente para o Brasil.

«As vinhas teem ao redor seus muros e arvores fructiferas, como pereiras e romãs, e tambem murta, e plantas agrestes. Nos pomares e hortas plantam pecegueiros, alperceiros, e mais fructos da Europa, e plantas dos tropicos, como bananas, goiabas, etc.

«Ha na Madeira os animaes domesticos da Europa, e o carneiro e o boi, ainda que pequenos, são de excellente gosto. Os cavallos, tambem pequenos, são seguros e ageis, trepando facilmente pelos caminhos ainda os mais escabrosos. Não ha vehiculos de rodas, e os vinhos e as mercadorias são transportados de um lugar para outro sobre duas pranchas unidas por meio de uma travessa, e formando na parte dianteira um angulo, aonde atrelam os bois.

«Ha poucos quadrupedes selvagens, e só encontrei o coelho ordinario. Os passaros são muitos. Não se encontra ali nenhuma serpente; porém as casas, vinhas e hortas abundam em lagartos, que chegam a destruir os fructos. As costas da Madeira, e das ilhas visinhas, as Selvagens e Desertas, teem pescaria, mas como não é assaz para o consumo da quaresma, usa-se muito do bacalhau e dos arenques fumados. Achamos poucos insectos, e esses de especie conhecida. Farei aqui uma observação geral. Os quadrupedes, os reptis amphibios, e insectos não são numerosos nas ilhas um pouco afastadas do continente, e os que se encontram n'ellas foram transportados pelos homens.»

O MORTO VIVO.

HISTORIA DE UM FAKIR QUE GANHA A SUA VIDA DEIXANDO-SE ENTERRAR.

No entanto que os sabios disputam sobre as propriedades da vida, referiremos a noticia de um homem, que depois de estar enterrado muitos mezes, volve ás funcções da vida. Por extraordinario que pareça o caso, não se pode qualificar de fabuloso, se as regras da fé humana merecem algum respeito, e o testemunho de pessoas graves — testemunhas oculares do facto extraordinario que vamos narrar. Entre estas pessoas figuram o agente inglez de Lodhiana, varios officiaes do exercito da India, e o celebre general Ventura, que na sua viagem a Paris confirmou a exactidão da relação de mr. Osborne, autor de um livro tão instructivo, como divertido, sobre a côrte de Rundjet-Sing, imperador de Lahoz.

Se desejassemos ultrapassar os limites de uma modesta narração, citaríamos em apoio da possi-

bilidade d'este phenomeno varios exemplos de catalepticos que mais ou menos mezes permaneceram em estado de verdadeiros cadaveres. *A Gazette Medica* franceza, de 1769, refere um caso d'esta especie, succedido no Berri. Um lavrador, chamado Mateo Anclerc, homem de character melancolico e taciturno, se bem que cuidadoso dos seus interesses, caiu n'uma completa catalepsia, e por tres mezes não deu signal nenhum de vida. Este accidente repetiu-se por varias vezes, sempre com a mesma duração, e a insensibilidade e paralyção geral das funcções vitales resistiram a todas as experiencias que se ensaiaram. Ainda se podia citar outro caso mais recente que foi admittido na noticia das experiencias de mr. Seguin, em Blois, o que escusamos para entrar já no caso a que alludimos.

« Em 6 de Junho de 1838 (diz o autor do referido livro sobre a côrte de Rundjet-Sing) interrompeu-se felizmente a monotonia da nossa vida do campo com a chegada, a Pendjab, de um homem celebre. A veneração de que elle gosa é extrema, e funda-se em possuir a faculdade de estar sepultado o tempo que quer. Referiam-se no paiz lances tão extraordinarios d'este homem, e a sua authenticidade era abonada por pessoas tão respeitaveis, que anciosamente o desejavamos ver. Elle proprio nos certificou que havia já alguns annos que exercia aquelle *seu officio* (expressões proprias), fazendo-se enterrar, e effectivamente em muitas partes da India o viram repetir esta singular experiencia. Entre as pessoas formaes e fidedignas que certificam a sua authenticidade, deve citar-se o capitão Wade, agente politico em Lodhiana, que assistiu á resurreição do fakir, enterrado havia já alguns mezes em presença do general Ventura, do mahazadjab, e principaes chefes. »

Eis agora os pormenores do enterro, e as circumstancias da exhumação.

Os preparativos duraram alguns dias, e são de indole que se não podem enumerar sem excitar repugnancia das nossas leitoras. Concluidos estes preparativos, o fakir declarou estar disposto a subjeitar-se á prova da sepultura. O mahazadjab, os chefes indigenas, e o general Ventura reuniram-se junto a um sepulchro de ladrilhos, construido expressamente para receber e conservar o corpo que se ia enterrar. Em presença dos circumstantes o fakir tapou com cêra todos os conductos por onde o ar lhe podia entrar, excepto a boca; despiu depois toda a roupa que levava, e assim nu o involveram n'uma mortalha ou sacco, voltando-se-lhe, segundo elle proprio determinara, a lingua, de modo que lhe cerrasse a entrada da garganta. Terminada esta operação, o fakir caiu n'uma especie de lethargo. Então fecharam o sacco onde se tinha encerrado, e o mahazadjab poz-lhe o seu sello. Assim o metteram n'um caixão de madeira, que se fechou a cadeado, e sellou de novo, mettendo-se depois dentro da cova. Deitou-se-lhe por cima muita terra, que se acalçou, e semeou de cevada, pondo-se ao redor

do sitio sentinellas para velarem dia e noite na guarda d'aquelle sitio.

Apesar de tantas medidas de prevenção, o mahazadjab, receioso e suspeito, como o são todos os orientaes, não deixava de ter suas duvidas, e foi por duas vezes visitar a sepultura no espaço de dez mezes que o fakir esteve enterrado. Quando mandou abrir a sepultura, viu com seus olhos e pôde tocar com as mãos o corpo exanime e gelado, tal qual o metteram no sacco e ataúde. Finalmente, passados os dez mezes procedeu-se á definitiva exhumação.

Acudiram a presenciar a todos que foram testemunhas do enterro. O general Ventura, e o capitão Wade viram abrir o cadeado, romper os sellos, e extrahir o caixão da sepultura. Tirou-se o fakir, no qual nem pulso, nem coração davam o mais leve signal de vida. Só na extremidade da cabeça se percebia algum calor. Uma pessoa, introduzindo-lhe com muita cautela o dedo na bocca, voltou-lhe a lingua á postura natural. Deramando-se-lhe depois agua quente sobre o corpo, se foram obtendo, pouco a pouco, symptomas de vida. Finalmente, ao cabo de duas horas de um tratamento prolixo e adequado, o bom fakir levantou-se, e principiou a andar sorrindo-se.

« Este homem verdadeiramente extraordinario (acrescenta Osborne) conta, que durante a sua exhumação sempre tem sonhos deliciosos, mas que ao despertar sente dôres mui violentas. Antes de recobrar o conhecimento padece vertigens. »

A sua idade, na epoca a que nos referimos, seria de trinta annos, e o seu aspecto desagradavel, com certa expressão de astucia, que contrasta com a idéa que deve suggerir o seu estado frequente e prolongado de amortecimento.

Tal é o singular phenomeno que queriamos dar a conhecer aos nossos leitores. Citámos os nomes respeitaveis das pessoas que o presenciarão; contudo não estranharemos que se duvide de sua exactidão, por ser até racional duvidar-se dos factos que estão em aberta opposição com o curso ordinario das coisas; mas nem por esta razão nos parece que o caso se possa negar. Acaso sabemos se a vida é um movimento essencial continuo? Sabemos se é capaz de temporarias interrupções? Qual é a regra? Qual a excepção? O estado dos animaes que hybernam, a suspensão das funcções vitales n'algumas enfermidades que affectam ou a vida de relação ou a vida organica, e ás vezes uma e outra, e, finalmente, a experiencia de factos ainda não bem classificados entre a patologia e a phisiologia, aconselham uma prudente circunspecção. * *

O IMPERIO D'ANNAM.

Conclusão.

Durante este tempo, os dois usurpadores tinham-se de tal modo enfraquecido por combates successivos, e os subditos fieis desejavam tan-

to a presença do rei em Donnai, que este determinou aventurar uma segunda invasão em seus estados. Os seus vassallos de todas as classes reuniram-se-lhe com ardor ás bandeiras; e elle transportou-se a Say-Gong que immediatamente fortificou, pondo-a em estado de defesa. O acaso tinha-lhe apresentado o momento mais favoravel para o desembarque; porque os dois irmãos rebeldes, que estavam em guerra, achavam-se encerrados nas suas capitães, onde cada um esperava ser atacado pelo outro. Além d'isso, o rei tinha conquistado uma parte de Camboja e do Lao; e soubera d'antemão tirar grande proveito dos soccorros que esperava do rei de França, annunciando por toda a parte a alta protecção que tinha grangeado, e inspirando assim confiança aos amigos, e terror efficaz aos inimigos. Estas felizes noticias reanimaram as esperanças do bispo e do seu pupillo, os quaes se juntaram ao rei em Say-Gong no anno 1790, levando um pequeno navio carregado d'armas e munições. Então concertaram o plano para proseguir vigorosamente a guerra contra o usurpador. Foram obrigados a empregar quasi todo o primeiro anno em fortificar Say-Gong, recrutar, disciplinar o exercito, pôr em ordem e esquipar uma frota.

No anno 1791, o rebelde Quang-Tung morreu em Hué, deixando um filho, chamado Canh-Thin, de doze annos de idade, pouco mais ou menos. Este acontecimento fez accelerar as disposições do rei legitimo. Nquien-Chung atacou a armada de Nbac no porto de Quin-Nong, e quasi a destruiu. Em 1793, todo o Donnai estava submettido, apesar dos esforços algumas vezes felizes de Canh-Thin, e principalmente do famoso general Thien-Pho, que commandava as suas tropas, guerreiro tão notavel pela intrepidez como pela elevação d'alma.

Nbac conservava ainda o centro do paiz; o reino de Hué, que comprehendia o territorio e as ilhas adjacentes á bahia de Turon, era governado por Canh-Thin. Nbac morreu brevemente, deixando por successor um filho que tinha todos os vicios do pae sem ter nenhum dos seus dotes.

Em 1796, Nquien-Chung resolveu investir a sua capital por terra. O inimigo tinha cem mil homens, mas não obstante, desbaratado completamente, perdeu Quin-Nong. O filho de Nbac foi submettido, e todos os seus estados entraram na obediencia do rei legitimo. O joven usurpador de Hué estava ainda de posse do reino de Tunkin em 1800. Em 1802, Nquien-Chung marchou contra elle, entrou em Tunkin, assenhoreou-se do reino, e tendo feito decapitar Canh-Thin, todos os chefes da familia Tay-son, o valente general Thien-Pho, sua mulher e filha, reuniu aos seus dominios os estados que compõem o actual imperio d'Annam. Foi reconhecido rei pelo imperador da China, em 1804, e sob o nome de Gya-Long reinou pacificamente até á sua morte, acontecida a 25 de Janeiro de 1820. Seu

filho, o discipulo do bispo Adran, mórtera sem casar: era o unico que Gya-Long tivera da imperatriz. Foi pois o filho d'uma das suas concubinas que lhe succedeu e subiu ao throno a 15 de Fevereiro de 1820. Tomou o nome de Min-Menh, *brilhante providencia*, nome que a sua bondade e virtudes podem justificar, mas não a sua capacidade e talentos.

Sobre a religião já demos resumida noticia nos mencionados numeros d'este semanario. Acrescentaremos unicamente que o christianismo foi introduzido no imperio pelos portuguezes nos fins do seculo xvi e principios do xvii. O numero de proselytos augmentou em pouco tempo, graças ao zelo dos jesuitas francezes; mas frequentes ordens contra o exercicio do culto, lhe impediram os progressos. Os jesuitas foram expulsos em 1772, e desde então augmentou a severidade contra os christãos, e ainda ha pouco muitos missionarios receberam ahi a palma do martyrio.

Nas diversas operações das bellas-artes, os annamitas não procuram de modo nenhum produzir as sensações moraes; vêem só a materia, e não tratam senão de impressionar os sentidos. Desprovidos de principios e modelos, entregam-se ás suas phantasias, que degeneram por vezes em extravagancias. Da mesma forma que na acção sobre o ouvido, preferem o estrondo á melodia; assim na acção sobre a vista, deixam a justa proporção pelo gigantesco, e a elegancia pela accumulção d'ornatos. As conveniencias, a graça, a simplicidade são-lhes desconhecidas; entretanto algumas das suas pinturas são agradaveis mesmo pela singularidade.

O desenho, sem o qual a pintura é nada, nunca dirige os seus pinceis. Não teem nenhuma idéa da perspectiva: pintam todos os objectos como se fossem isolados, e sem ter em conta as differenças da proporção causada pelo effeito da sua distancia relativa. A todos os quadros falta ordem e união; as figuras não teem correcção, elegancia, nem espirito; o colorido é vivo, mas sem graduação de côres; apenas conhecem o emprego das sombras, e ignoram completamente o do claro-escuro. Assim, nas obras d'estes artistas, debalde se procurará a illusão, e mesmo a apparencia da realidade. É verdade que as particularidades são representadas com exactidão e paciencia admiraveis; mas o que é esse merito d'execução mecanica em comparação da ausencia total dos principios da arte?

A esculptura n'este paiz é ainda menos cultivada que a pintura. Em todo o imperio ha só uma provincia, a de Xu-Thanh, onde se grava a pedra, porque ahi existe uma qualidade d'ella que se aproxima ao marmore. N'essa provincia, algumas familias applicadas a esta arte, representam bem os animaes, mas pessimamente a figura humana. Nas outras partes do imperio, trabalham em certas madeiras duras, proprias para a esculptura; mas aindaque o paiz apresenta os animaes da melhor apparencia, os artistas

preferem sempre representar animaes monstruosos, e phantasticos, aos quaes a sua imaginação liga algumas idéas supersticiosas.

Quanto á architectura, não está mais adiantada que as suas duas irmãs, e como ellas parece condemnada, no imperio d'Annam, a uma eterna infancia.

Algumas vezes, entre os annamitas, o templo não é mais que uma especie de casinhola com duas portas, collocada em uma arvore, contendo a figura de Bouddha. Nos bosques que cercam Turanne, vêem-se muitos cestos ou caixas de madeira suspensos nos ramos das arvores, tendo idolos de madeira ou figuras de papel pintado e doirado com inscrições sobre pequenas laminas. O povo offerece a estas imagens as primicias das colheitas depondo-as junto á arvore, ou suspendendo-as nos seus ramos.

Por esta especie de capellas, e por certos templos rectangulares, que são apenas simples alpendradas abertas de todos os lados, sem altares, nem outros ornamentos mais que alguns ido-

los suspensos, ou postos sobre cavalletes de pau, tinham acreditado certos viajantes que os annamitas não levantavam nenhum templo digno de ser classificado como monumento: é um erro. Se o imperio d'Annam não apresenta edificios sagrados que se possam comparar aos da India, ha comtudo ali alguns que são dignos de attenção. Um d'estes é o templo subterraneo que se encontra na cidade de Fai-Fo, na provincia de Cham, cuja descripção já demos. (*)

Todas as villas tem um templo, cuja simplicidade ou magnificencia depende naturalmente da riqueza ou pobreza dos moradores. Quanto aos templos de Confucio, ainda que a religião d'este philosopho não seja a reconhecida pelo estado, são os unicos para que o governo contribue: ha dois em cada provincia. A despeza dos outros templos está a cargo de quem os frequenta, ou é fornecida por fundos applicados ha muito tempo a este uso, e provenientes de legados.

(*) Vid. Panorama num. 2 de 1836.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRAZILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circumstancia não fez descoroçar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

Nô corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguém ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, tem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do an-

no; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4\$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.